

PLUTARCO E AS BIOGRAFIAS VITORIANAS NO SÉCULO DA HISTÓRIA.

Francisco Eduardo Alves de Almeida¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Plutarco, nascido em Queroneia no século I, produziu um conjunto de pares de biografias de personalidades importantes na Antiguidade. Por sua originalidade e importância é considerado o pai das biografias comparadas. Seu propósito foi enaltecer as virtudes, as qualidades e até as máculas desses grandes homens, representando um típico exemplo do regime de historicidade “*Historia magistra vitae*”. O elemento moralizante encontra-se permanente em seus relatos. As biografias do século XIX, o século da História, no período vitoriano, tipificado pela influência da rainha Vitória da Grã-Bretanha marcaram uma convergência com Plutarco. Autores como Robert Southey, John Knox Laughton e Alfred Thayer Mahan, embora escrevessem biografias com novas metodologias, evitando a comparação, tinham também o fator moralizante como fulcro de seus relatos. Embora vivessem regimes de historicidade distintos, a convergência dos dois enfoques pode ser perfeitamente percebida.

Palavras-chave: Plutarco. Biografias comparadas. Biografias do Século XIX.

PLUTARCH AND THE VICTORIAN BIOGRAPHIES IN THE HISTORY CENTURY.

ABSTRACT:

Plutarch, born at Cheronea in the First Century wrote a group of biographies of important people in the Antiquity. For his originality and importance he is considered the father of compared biographies. His purpose had been to exalt these men virtues, qualities and even stains, representing a typical example of the “*Historia magistra vitae*” regime. The moral aspect has been present in his writings. The biographies of the nineteenth century, known as the History Century, in the victorian period, under a great influence of Great Britain Queen Victoria marked a convergence with Plutarch. Authors as Robert Southey, John Knox Laughton and Alfred Thayer Mahan, although writing with new methods, avoiding comparison, had had the moral aspect as the center of their accounts. The convergence of Plutarch and these authors, although in different historical regimes, is clearly perceived.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro é atualmente aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada dessa universidade.

Key words: Plutarch. Compared biographies. Nineteenth Century biographies.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnasso são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam”².

Com essas palavras o pai da História iniciou o Livro I de sua “*História*”. A memória dos feitos humanos, transmitidos de geração a geração era a intenção de Heródoto.

Quatrocentos anos depois Cícero viria estabelecer que a História seria a “mestra da vida”, uma disciplina pedagógica voltada para a experiência humana. Os “feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e bárbaros” apontados por Heródoto transformavam-se em uma função didática.

Esse regime de historicidade viria a perdurar por cerca de mil e seiscentos anos. Nesse contexto surgiu Plutarco, considerado o inventor da biografia comparada³. O que ele desejava era exatamente, por meio de suas biografias, enaltecer as virtudes humanas, suas qualidades e realizações, para que os homens não a esquecessem, a exemplo do proposto por Heródoto.

No século XIX vivenciou-se outro regime de historicidade. Foi o chamado Século da História. A ênfase no documento, no rigor científico, na crítica histórica. Foi, ao mesmo tempo, também, o século das biografias. O que se pretende é discutir, comparativamente, as biografias plutarquianas e as biografias do século XIX, chamadas apropriadamente por Peter Gay de as “histórias particularmente importantes como testemunhos da auto-imagem burguesa”⁴.

² HERÓDOTO. 1:1.

³ PLUTARCO. *Alexandre e César*. 9..

⁴ GAY. Peter. *O coração desvelado. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. trad: Sergio Bath. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p.168.

Inicialmente serão apresentadas algumas considerações sobre as narrativas biográficas, para em seguida, discutir-se as principais características da narrativa de Plutarco. Na seção seguinte serão debatidos alguns aspectos relacionados com as biografias do período chamado de vitoriano, durante o reinado da Rainha Vitória na Grã-Bretanha no século XIX para, em seguida, comparar essa visão com a de Plutarco, focalizando no aspecto moralizante dos heróis biografados.

Por fim, serão feitas algumas breves considerações finais sobre o tema.

2- A BIOGRAFIA COMO NARRATIVA HISTÓRICA:

O homem tem sido o grande motor da História, o veículo fundamental de todo e qualquer processo histórico. Ele sempre se interessou pelo próprio homem, tendendo a admirá-lo em um ponto e a odiá-lo por outro. A neutralidade sempre foi difícil de ser obtida.

A biografia tem sido um gênero de historiografia que remonta à Antiguidade. Basicamente são dois os motivos que um biografado merece a atenção de historiadores: por seu valor intrínseco como herói ou personagem destacado em um cenário qualquer ou por sua influência sobre o processo histórico.

As biografias normalmente podem assumir cinco formas narrativas distintas.

A primeira forma é a descrição de um grande personagem, destacado em determinado contexto, procurando retratá-lo da forma mais isenta possível. Esse tipo de narração é bem comum e geralmente a preferida dos historiadores. A isenção nem sempre é obtida, pois as paixões fazem parte da própria natureza humana e o biógrafo não está imune a ideologias e sentimentos de atração ou repulsão.

A segunda forma é a chamada biografia comparada, quando dois personagens são descritos em uma mesma obra, quando pontos de contato e afastamento são apontados. A comparação, como metodologia histórica vem aos poucos se impondo na historiografia

como uma ferramenta útil e eficiente. É sempre oportuno mencionar que Mar Bloch já dizia que “toda a História é História Comparada”⁵.

A terceira forma, a chamada hagiografia, praticada intensamente no período medieval, tinha por finalidade glorificar a Deus, mediante os santos e propor aos homens modelos de virtude e santidade. Certo é que essa forma pouco considerava a crítica histórica. A parcialidade era mais que evidente em um período em que a Igreja predominava.

Uma quarta forma é a auto-biografia, pouco explorada na Antiguidade clássica. Os antigos costumavam se ocultar discretamente atrás de suas obras. Dizia Aristóteles “que uma pessoa de sentimentos verdadeiramente nobres não falava de si próprio”⁶ A autobiografia tem o sentido de justificar o autor perante o mundo, ou tentar descobrir o sentido de sua vida ou mesmo de reconstruir a evolução de sua personalidade. Na medida em que ela se aproxima dos fatos da própria vida do autor, o gênero passou a ser chamado de “memórias” ou “diários”.

Por fim, a última forma é o chamado romance histórico que peca pela falta de rigor científico, alternando ficção com realidade. O romance histórico é um produto do Romantismo que “percebia” a necessidade de “reviver”, em imagens pitorescas, os grandes heróis da História. Os historiadores tendem a não considerar essa forma de narrativa como cientificamente pertinente, no entanto deve-se reconhecer que muitos desses romances mantêm vivo o interesse do grande público por assuntos históricos, evocando episódios interessantes do passado, aproximando o leitor das grandes figuras. O gênero não deve ser condenado em si. O que se deve condenar é o mau uso do gênero. Afinal, Jacques Le Goff não foi atraído para a História por um romancista emérito, sir Walter Scott, com o seu lendário “*Ivanhoe*”⁷ ? Quem não admira a bela obra literária as “*Memórias de Adriano*” escritas por Marguerite Yourcenar ?

A biografia tratando-se, dessa maneira, de uma obra histórica, obriga o historiador a se basear nas diversas fontes disponíveis. Não pode, tampouco prescindir dos documentos

⁵ LORENZ, Chris. **Comparative historiography; problems and perspectives**. Amsterdam: European Social Sciences History Conference, 1998, p.28.

⁶ BASSELAR, José Van den. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Herder, 1968, p.83.

⁷ LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a História, conversações com Marc Huergon**. 2.ed. Trad: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: UNESP, 2007, p.37.

particulares que devem ser confrontados com os oficiais e com diferentes formas de transmissão oral, mesmo as mais discrepantes à primeira vista, como os rumores, mitos, lendas, anedotas, provérbios e canções populares. Todas essas formas compõem o universo em que se insere o biografado. Todo esse arcabouço deve se conformar com boa dose de psicologia social, principalmente para o biógrafo compreender as motivações e ações de seu biografado.

A crítica histórica, tanto na determinação do fato como na utilização da metodologia são armas disponíveis e obrigatórias ao historiador. A crítica interna questiona se o autor do documento avaliado estava disposto a dizer a verdade sobre o biografado e em caso de resposta negativa confrontar as motivações para essa postura. Nesse ponto a hermenêutica assume papel fundamental. Em complemento, deve-se observar a crítica da objetividade, dividida em três campos distintos. O da competência, isto é tentar estabelecer se o autor podia conhecer a verdade. O da sinceridade, se o autor tinha motivações para mentir ou dizer a verdade e por fim o do controle ao confrontar diferentes relatos com o afirmado pelo autor. A comparação do conteúdo nas fontes pesquisadas e a devida construção da narrativa e síntese devem ser obrigatórias.

A crítica externa, segundo passo fundamental de análise, examina as fontes quanto à sua autenticidade. Em seguida, o historiador determina a época e o lugar de origem do documento, a comprovação histórico-pessoal, se for o caso, a determinação da autenticidade dessas fontes e a relação de dependência entre elas. Nesse ponto deve ser verificada a crítica da autoria do texto e se o autor podia efetivamente escrever o que escreveu. Por fim deve-se examinar a procedência ao se questionar se o autor tinha conhecimento pessoal dos fatos comunicados ou se devia-os a outros documentos ou fontes. Um caso célebre de falsificação documental foi a *Donatio Constantini*, ao imputar a Constantino Magno (306-337), primeiro imperador romano cristão, a doação à Igreja de Roma de todas as províncias romanas do Ocidente, além da própria cidade de Roma. Posteriormente Lorenzo Valla contestou esse documento, comprovando a sua falsificação.

A questão da narrativa e estilo conforma a síntese biográfica. Desses dois predicados, aliados ao rigor metodológico, temperado com grande dose de imparcialidade, fundamental

para o profissional da História, virá o atrativo para o leitor se debruçar sobre uma biografia. O professor Benito Schmidt aponta que:

Normalmente se diz que uma boa biografia é aquela que ´insere` o indivíduo no contexto. Mesmo que essa não seja a intenção, tal afirmativa supõe que o biografado mantenha uma relação de exterioridade com a época em que viveu, como se o contexto fosse uma tela pronta e acabada, onde se colariam os personagens.⁸

Alguns historiadores têm como alvo os próprios colegas, desejando demonstrar uma louvável erudição e rigor metodológico. A questão assim que se apresenta é se a narrativa biográfica tem como alvo o colega historiador ou o leitor leigo, ávido por descobrir características ou inconfiabilidades de seu biografado sem a preocupação com o rigor teórico-metodológico. As opiniões nesse ponto divergem. Arrisco-me a inferir que um meio termo seja o ideal. Biografias como o de “*D. Pedro II*” do professor José Murilo de Carvalho combina erudição natural, fluidez de narrativa e facilidade de leitura. Esses ingredientes fazem do livro um recorde de vendas. Nesse caso a função social do historiador é mais que visível. É explícita.

O historiador que se dedica anos a fio a escrever uma narrativa biográfica não deve prescindir do sistema social no qual o biografado está inserido, revelando o ambiente em que viveu, de modo a que o leitor, seja ele especialista ou leigo, vá descobrindo as características da personalidade do herói descrito. Essa tarefa de combinar narrativa com fidelidade é das mais desafiadoras para qualquer historiador. Como disse o professor Jan van den Basselar, “escrever uma boa biografia é empreendimento muito mais custoso do que se pensa em geral”.⁹

Em uma biografia, o centro é o homem, papel transformado em personagem, exercendo uma missão conspícua na narrativa. Considerando o caso específico de personagens tipo heróis, muito mais comum do que se imagina, alguns historiadores costumam escolher três heróis-modelo na História, isto é, aqueles que exercem influência

⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. 2000. A biografia histórica: o retorno do gênero e a noção de contexto. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al. **Questões de Teoria e Metodologia de História**. Porto Alegre: Editora Universidade do Rio Grande do Sul, p.123.

⁹ BASSELAR, op. cit., p.80.

por imitação e não somente por via de autoridade. O professor João Camillo de Oliveira Torres descreveu esses três tipos clássicos de modelos. São eles os seguintes:

- os pioneiros, dando ao termo um sentido genérico de pessoa que cria novos estilos de vida. Esses personagens são imitados em sua maneira de ser, não apenas pelo que fazem, mas pelo que são;

- os mestres, que são personagens que ensinam, os modelos que transmitem conscientemente soluções ou exemplos às novas gerações e por fim;

- os representativos, os símbolos dos valores dominantes. A biografia de um herói representativo que mostra as coordenadas da situação e a hierarquia de valores apresentados. Geralmente são homens que sabem expressar de maneira clara e bem delineada sentimentos e aspirações generalizantes. Ao expressar o valor dominante ou novo valor, o herói representativo é aquele que consegue fixar e cristalizar uma determinada ordem de valores e fazer com que a sua vida seja a própria atualização da situação histórica, concreta ou projetada.¹⁰

É mais que natural que haja uma atração do personagem sobre o historiador, existindo até uma relação íntima entre o biógrafo e o biografado, que vai se estreitando cada vez mais. O historiador que deseja descrever a vida de seu personagem de modo mais isento possível deve utilizar, além das fontes documentais primárias, a crítica documental, muita técnica descritiva adquirida por métodos científicos, como também o seu talento criativo. Jean Orioux descreveu sucintamente o modo de se abordar a biografia na atualidade:

Eis como da simples e preciosa informação histórica se passa para uma verdadeira recriação de um personagem. Por conseguinte, podemos permitir-nos falar de uma arte da biografia. Não se trata já de adquirir conhecimentos, mas de transformar conhecimentos mortos num homem vivo. Entram agora em jogo as afinidades, as intuições, as revelações, o que de forma alguma significa fantasia. Pelo contrário, a intuição só é válida se contribuir para prolongar, sem a trair, a verdade histórica e psicológica do herói.¹¹

¹⁰ TORRES, João Camillo de Oliveira. **Teoria Geral da História**. Petrópolis: Vozes, 1963, p.393.

¹¹ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: ARIES, Phillippe; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques. **História e Nova História**. 3ª ed. Portugal: Teorema, 1994, p.44.

Leopold Von Ranke que sempre tendia a dar uma visão de conjunto a sua obra, via a biografia como um complemento a seu trabalho, tendo se dedicado a ela algumas vezes. Disse ele que “como se desenvolve um homem nobre, como o germe do recém nascido impulso se aperfeiçoa em uma atividade de grande classe, como o espírito se faz cada vez mais seguro, até que sem enganar-se contempla o mundo em sua verdadeira imagem”.¹² Essas belas palavras precedem a sua biografia de Dom Carlos, indicando que o estético dá o tom a toda a narração da vida de um homem e sem dúvida não é possível separar o biografado da própria narrativa histórica.¹³

Segundo Wilhelm Bauer o trabalho dos biógrafos consiste em bem colocar a relação entre os destinos e características do personagem, com a situação e circunstâncias políticas, econômicas, sociais e artísticas da época em que ele viveu. Deve assim, tentar explicar o homem por seu ambiente, não só por sua genealogia, mas também deve expor o seu lado espiritual, em relação a seu presente e seu ambiente social.¹⁴

A criatividade deve ser a tônica numa biografia, não omitindo a conexão do biografado com o seu ambiente e o mundo que o cerca. De toda a maneira Bauer enfatiza a necessidade do biógrafo refletir, também, a respeito do aspecto físico de seu herói, “sempre que sobre ele se tiver informações fidedignas”.¹⁵

Pode ser verificado que em qualquer regime de historicidade, o relato biográfico tem ocupado o seu lugar de destaque. Algumas biografias procuram retratar o herói como um ser humano com qualidades e defeitos, do modo mais imparcial possível. Outras procuram transmitir valores morais e exemplos às gerações posteriores. Dentro desse contexto avultam as biografias comparadas de Plutarco de Queroneia, o maior biógrafo da Antiguidade.

3- PLUTARCO E AS BIOGRAFIAS COMPARADAS.

¹² BAUER, Wilhem. **Introduccion al Estudio de la Historia**. 3 ed. Barcelona: Bosch, 1957, p.177.

¹³ Idem.

¹⁴ Ibidem, p.178.

¹⁵ Ibidem, p.179.

Foi anunciado a Alexandre que entre os cativos estavam conduzindo a mãe e a esposa de Dario, com suas duas filhas que, ao verem o arco e o carro de Dario, prorromperam em altas lamentações desnudando os seios, na crença de que Dario tivesse perecido. Alexandre, mais sensível à desventura delas que a sua própria felicidade, depois de alguns momentos de silêncio, enviou Leonato para comunicar-lhes que Dario não estava morto e que elas nada tinham o que temer da parte de Alexandre, que este não fazia guerra contra Dario senão pelo império, e que nada lhes faltaria das honras com as quais estavam acostumadas. Essas palavras, tão suaves e consoladoras para mulheres prisioneiras tiveram seqüência de fatos cheios de bondade.¹⁶

Com essas palavras exaltadas Plutarco enalteceu o seu grande herói Alexandre. Seu propósito principal foi transmitir às gerações que viriam os exemplos de homens que, por seu desempenho pessoal, modificaram o curso da História. Vivia-se o regime de historicidade “*Historia magistra vitae*”, bem definido por Cícero cem anos antes dele.

Plutarco, nascido em 46 d.C na cidade de Queronéia pode ser considerado o maior biógrafo da Antiguidade. Sua maior preocupação foi estudar a vida dos grandes personagens do passado, sob a visão psicológica e ética. Sua grande obra “*Vitae Parallellae*” foi composta de vinte e três pares de biografias, na qual em cada uma despontava um herói grego ao lado de um romano. Sua finalidade principal era antes de tudo moralista, sendo as vidas dos grandes homens um reflexo para a raça humana; alguns a serem imitados, outros a serem evitados. Plutarco pouco se importou com uma crítica histórica estrita, procurando muitas vezes enaltecer os heróis gregos, em detrimento de seus congêneres romanos, forçando paralelismos nem sempre condizentes com a realidade. Limitou-se também a descrever uma situação inusitada do biografado, entendendo que agindo dessa maneira conseguiria descrever mais fielmente o caráter de seu herói.

Seu envolvimento com os personagens, principalmente com aqueles com os quais simpatizava e que se enquadravam em seu ideal de virtude cívica, provocou um afastamento natural da verdade ou pelo menos da verossimilhança. Em verdade preferiu biografados que pudessem oferecer grandes exemplos de virtude, dentro de seu próprio conceito de grandeza e como uma marca para a posteridade. Somente em um estágio

¹⁶ PLUTARCO. *Alexandre e César*. 60.

posterior resolveu escrever sobre homens conhecidos pela maldade como Demétrio Poliorceta.¹⁷

Outro aspecto marcante de sua linguagem biográfica foi o sentido dramático com que conduziu algumas de suas narrativas. Seu estilo claro e corrente, expondo golpes teatrais aos seus personagens, como quando descreveu a travessia do Helesponto por Alexandre, é particularmente notável. Disse ele nessa célebre passagem:

Visitou Ilion, fez ali um sacrifício a Minerva e algumas libações aos heróis; banhou com azeite a coluna funerária de Aquiles, andou em volta do túmulo, completamente nu, segundo o costume, com seus companheiros, depôs ali uma coroa, e felicitou o herói que teve, vivo, um amigo fiel, morto, um grande poeta para glorificar suas façanhas. Percorreu depois a cidade, para observar suas curiosidades; e como alguém lhe perguntasse se queria ver a lira de Alexandre, respondeu: ‘pouco me preocupo com ela; gostaria de ver a lira com que Aquiles cantou a glória e os grandes feitos de bravura’.¹⁸

Nessa passagem memorável Plutarco se referia ao companheiro de Aquiles, Pátroclo, morto por Heitor em combate singular perante as muralhas de Tróia. Pátroclo morreu defendendo sua virtude, em uma “bela morte”, que naquele período histórico era o bem mais sagrado para um grego.

A correlação realizada por Plutarco entre o seu biografado, admirador da Grécia homérica e de heróis lendários que fervilhavam o imaginário de Alexandre foi marcante. Plutarco não necessitava falar de Pátroclo. Ele se encontrava subjacente no texto, presente na mente de Alexandre, junto com Aquiles, o herói invencível, filho dileto da deusa Tétis. Em um segundo momento, na passagem acima, Plutarco referiu-se ao grande aedo Homero que glorificou a Guerra de Tróia, pela boca de Alexandre.

Sua perspectiva moralizante e exemplar foi ressaltada, também, na vida de César quando procurou enaltecer as virtudes morais do biografado na querela Clódio e Pompéia. Por mais que quisesse a condenação de Clódio por relações incestuosas com sua própria mãe e relacionamento indevido com Pompéia, sua mulher, César declarou nada saber sobre os fatos imputados ao acusado. Bondade ou oportunismo ? Plutarco deixa essa resposta ao

¹⁷ Ibidem, 15.

¹⁸ Ibidem.47.

próprio leitor decidir. Em um segundo momento, César repudia imediatamente Pompéia, pois era preciso não haver nenhuma suspeita a respeito de sua mulher. Nessa passagem Plutarco procurou ressaltar as qualidades morais de César, por quem mantinha indisfarçável admiração. O fator moralizador estava sempre presente no pensamento plutarquiano.

Natural da Beócia, Plutarco foi grande viajante, no entanto tudo indica que só iniciou a escrever suas biografias depois de voltar a se estabelecer na cidade de Queroneia. Interessante que, apesar de permanecer a maior parte do tempo nessa pequena cidade grega, apartada do grande centro que foi Roma, ele deu mostras de um grande espírito universalista. O historiador James Shotwell ao descrever Plutarco, assim comentou : “Em Plutarco temos um historiador genuíno no primitivo sentido da palavra, um indagador das coisas do passado, tão interessado pela religião comparada como pela moral”.¹⁹

Apesar de se preocupar com aspectos moralizantes, sua narrativa era linear e cronológica, procurando associar o público com o privado. No processo de escrever as vidas comparadas dos heróis do passado, Plutarco desejava estabelecer semelhanças e diferenças entre eles, tendo, no entanto a consciência de que cada qual vivia seu próprio mundo, permeado por sua cultura distinta com tradições, crenças e valores únicos.

Nas suas próprias palavras Plutarco apontou três grandes aspectos que permearam suas biografias. O primeiro que ele escrevia por puro prazer. O ato de descrever as atitudes de seus heróis o reconfortava, ao mesmo tempo em que o alimentava de entusiasmo. O segundo é que seus personagens deviam ser “humanizados”, principalmente enaltecendo suas qualidades morais e coragem inigualável e por fim queria destacar detalhes, fatos, anedotas e situações significativas que iam aos poucos construindo a personalidade do biografado para a melhor compreensão do leitor.²⁰

Esses três aspectos eram lubrificadas com uma grande dose moralizante que subordinava e relacionava a História à moral. Sua visão moralista estava voltada para a vida privada, construída no seio familiar, muito simples para ser compreendida na vida pública.

¹⁹ SHOTWELL, James. **Historia de la Historia en el mundo antiguo**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1940, p.268.

²⁰ PLUTARCO, **Alexandre e César** 14.

Ele desejava enaltecer a moral conectada à sociedade. No homem público “ele procurava sempre a conduta do homem privado”, segundo palavras de Mario da Gama Koury.²¹

A narrativa plutarquiana, direta, marcante e palpitante era a epítome do prazer da leitura, servida por um grande talento. Ao relatar a grandeza de seus personagens, Plutarco revelava o mais nobre que podia existir na alma humana. Suas vinte e três biografias comparadas influenciaram de modo marcante a escrita biográfica posterior, compondo um estilo de narrativa benevolente e moralista.

Exatamente por sua importância na narrativa biográfica Plutarco deve ser lembrado como o grande biógrafo da humanidade e justamente considerado o pai das biografias comparadas. De que maneira os seus textos se assemelham às biografias do século XIX num ocidente vitoriano ? É o que se pretende discutir a seguir.

4- AS BIOGRAFIAS VITORIANAS DO SÉCULO DA HISTÓRIA:

O propósito da História na Roma antiga, inaugurada por Cícero, era formar cidadãos, esclarecer o homem político e propor exemplos a serem imitados ou rejeitados, dentro de um regime de historicidade da História como “mestra da vida”, uma lição moralizante para o homem. Esse regime permaneceu até o século XVIII, passando pelo enaltecimento da Providência na Idade Média, quando foi seguida por novo regime, a Filosofia da História, fortemente apoiada pelo Iluminismo europeu.

No século seguinte, houve uma mudança nesse processo narrativo, estabelecendo-se a História como uma disciplina baseada em métodos científicos, quando o historiador buscava ou perseguia “leis históricas”. Foi, então inaugurada a acribologia histórica, com ênfase preferencial no documento oficial, devidamente criticado interna e externamente. A narrativa de cunho “positivista” atingiu o seu zênite. O importante era escrever “aquilo que realmente aconteceu”, conforme palavras de Leopold Von Ranke. O século XIX passou a ser chamado de o século da História. O historiador deixava de ser aquele que procurava o progresso da História, mas sim o metódico que narrava a “verdade”, baseado em fatos “cientificamente” apurados.

²¹ Ibidem. 14.

A segunda metade do século XIX trouxe com ela uma época de aumento de riqueza, de importantes inovações tecnológicas e expansão do Império Britânico. Esse período coincidiu com o reinado da Rainha Vitória, inaugurado em 1837, tendo sido o mais longo da história britânica. Ao que tudo indica o adjetivo “vitoriano” parece ter aparecido pela primeira vez em 1839, tendo, a partir da década de 70 se transformado em um símbolo benigno e melancólico, centrado na felicidade doméstica de Vitória, abalada posteriormente pela morte prematura de seu marido, o príncipe Albert e sua dor incessante e interminável. Com o passar do tempo, principalmente após a morte da rainha inglesa, o sentido do termo “vitoriano” foi associado a padrões de comportamento conservador e exemplar, dosado certamente com pitadas de hipocrisia e moralismo exacerbado.

O vitorianismo era, também, ligado à classe média burguesa que valorizava o bom senso, o sentido prático, a vida familiar regular e responsável e pelo gosto estético. Certo que tais predicados foram combatidos, tendo os seus críticos argumentado que o bom senso, tão arduamente defendido pela classe burguesa, podia ser interpretado como falta de imaginação, o sentido prático pela presunção, a vida familiar regular e responsável pela rigidez de costumes e o gosto estético pela ostentação extravagante. A era vitoriana também associou-se a um moralismo conservador, principalmente na questão da sexualidade. O papel social da mulher vitoriana era ser boa esposa, perfeita dona do lar e mãe abnegada. Aos poucos, no entanto, apesar das resistências, elas foram ocupando algumas funções mais relevantes na sociedade, principalmente as mulheres da classe operária por serem mão-de-obra barata nas fábricas.²²

Ao mesmo tempo houve o despertar de uma curiosidade inaudita pelas figuras ilustres do passado. Nesse século da História floresceu o apetite biográfico. Os historiadores, assim, começaram a trazer a público os pecados e virtudes das grandes figuras do passado, enquanto os leitores consumiam avidamente as biografias e os relatos dessas grandes personalidades da História. O historiador Peter Gay afirmou que “o apetite biográfico tinha se tornado natural nos níveis mais elevados da experiência burguesa vitoriana”.²³

²² ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Orgulho e desigualdade. In: **História Viva, grandes temas**. No 16. São Paulo: Duetto, 2006, p.55.

²³ GAY, op.cit., p.170.

Em 1877, John Morley, biógrafo de estadistas e filósofos franceses como Voltaire, Rousseau e Diderot, disse que a biografia devia ser, ao mesmo tempo, uma arte e uma ciência, uma nova forma de educação. Ela devia ser útil ao conhecimento, à crítica e à reflexão.²⁴

O ambiente era propício para as biografias de homens famosos. Alguns editores mais ousados deram início a uma explosão de dicionários biográficos que ampliavam as informações disponíveis sobre grandes personalidades, em continuação a uma tradição cujo exemplo mais conspícuo foi Pierre Bayle com o seu *Dictionnaire Historique et Critique*, editado no século XVII, que reunia uma coleção de biografias de grandes personagens.²⁵

Talvez a obra mais suntuosa do século XIX tenha sido o *Dictionary of National Biography* com 63 volumes que contou com a participação de 653 colaboradores, cobrindo 29.120 biografias, com cerca de 30.000 páginas, sob a coordenação do historiador inglês Leslie Stephen. A biografia figurava com destaque ao lado das histórias nacionais, revivendo o passado de grandes personalidades para o leitor vitoriano curioso.

A era vitoriana viu o zênite das regras de propriedade e discrição, principalmente na segunda metade do século XIX. Os biógrafos procuraram em seus relatos não difamar nem enaltecer os detalhes sórdidos das vidas de seus personagens, entretanto esse modo de proceder teve diferentes versões ao longo das décadas em diferentes países.

Ao final dos anos 80, a despeito de ainda prevalecer o pudor vitoriano, começou a diminuir a preocupação com a exposição explícita do caráter do biografado. Nas palavras de Gay: “os excessos de discrição de meados da época vitoriana constituíam um limite extremo, não um traço marcante”.²⁶

De que maneira afinal os historiadores desse período se debruçaram sobre os seus biografados? De que forma se constituíam essas narrativas? Como elas se aproximavam ou se afastavam dos relatos plutarquianos?

Thomas Carlyle, um dos maiores historiadores do século XIX, foi o mais conspícuo representante da apologia clássica do herói, marcando um ponto de contato com Plutarco. Em seu conhecido *On Heroes, Hero Worship, and the Heroic in History* esse autor afirmou

²⁴ Ibidem, p.171.

²⁵ Ibidem, p.172.

²⁶ Ibidem, p.175.

que “a história universal, a história do que o homem realizou neste mundo é fundamentalmente a história dos grandes homens que aqui labutaram...a história do mundo é a biografia dos grandes homens”.²⁷ Para ele o herói era o “salvador de sua época”, conforme expressão utilizada por Peter Gay.²⁸

Podem ser percebidos claramente alguns pontos comuns entre as concepções de Carlyle e de Plutarco. Ambos percebiam e se comportavam perante seus biografados não só como narradores factuais, mas principalmente posicionando-se como admiradores das qualidades morais de seus heróis. Por meios diferentes chegavam ao mesmo destino, enaltecendo os heróis escolhidos como modelos de virtude e heroísmo. Carlyle chegou a admitir que o herói poderia ser um profeta, um poeta, um rei ou mesmo um sacerdote, ou tudo o que se desejar, conforme o mundo em que nascesse. Disse ele que “não conheço nenhum homem verdadeiramente grande que não pudesse ser todas as espécies de homens”.²⁹ Não seria essa percepção, de uma certa maneira, o regresso a um regime de historicidade da História como “magistra vitae” ? O exemplo do herói biografado não tinha a finalidade de enaltecer as qualidades morais do ser humano, inculcando no leitor o culto pela virtude em sua mais pura essência ? Afinal Carlyle não estaria reagindo a uma “crise” de heróis de sua época, preocupado que estava com o que chamou de “negação da existência de grandes homens e a o desejabilidade dos grandes homens” ?³⁰ Na época de Plutarco os heróis abundavam. Na percepção do autor britânico sua época era carente de grandes homens. A coincidência de visões parece evidente. Os grandes heróis precisavam ser enaltecidos e lembrados como exemplos a serem seguidos.

A idolatria de ícones heróicos pela burguesia vitoriana talvez indicasse a percepção que ela possuía de que seu modo de vida era regular e comportado, certamente não heróico, provocando daí uma forte atração pela biografia como gênero de narrativa.

Outro exemplo marcante da biografia heróica nesse período foi a do conferencista norte-americano Mason Locke Weems que escreveu sobre George Washington. Seu livro, com mais vinte edições esgotadas, tinha como propósito, além dos bolsos, apontar a um

²⁷ Ibidem, p.176.

²⁸ Ibidem, p.176..

²⁹ HOOK, Sidney. **O herói na História**. Trad: Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p.90.

³⁰ GAY, op.cit. 177.

público sedento por biografias, a grandeza do criador dos Estados Unidos. Weems chegou ao extremo de propor aos leitores que se espelhassem no caminho da virtude, generosidade, patriotismo e destemor de Washington. Aquele exemplo deveria ser seguido por todos. Ao se comparar Weems e Plutarco percebe-se traços marcantes de convergência.

Da mesma forma que Washington forjou a Nação norte-americana, César forjou o que viria a ser o grande Império Romano. Tanto Weems como Plutarco não só admiravam como admitiam em seus biografados a essência da formação grandiosa dos dois grandes “impérios” ainda em formação. Washington e César eram o começo de algo grandioso que estaria por vir.

Outro exemplo interessante desse tipo de narrativa heróica vitoriana foi a biografia do grande personagem naval britânico, Lorde Horatio Nelson, tombado na batalha de Trafalgar contra as esquadras de Napoleão em 1805. Nesse mister três biografias de Nelson emergiram nesse período. A de Robert Southey, a de Sir John Knox Laughton e a de Alfred Thayer Mahan.

Robert Southey, muito conhecido do público brasileiro por ter escrito uma História do Brasil no início do século XIX, publicou uma biografia de Nelson em 1813 que esperava ensinar “o modo como um grande homem se sobrepuja ao infortúnio”, nas palavras de Gay.³¹ O propósito essencial de Southey foi enaltecer as qualidades excepcionais de Nelson e o seu sacrifício pela coroa britânica, culminando com sua morte gloriosa, cumprindo com o seu dever, a bordo da *Victory* em Trafalgar. O seu sentido de dever em muito se aproximava com o sentido de destino inexorável de Alexandre, na visão plutarquiana. O que Southey e Plutarco tinham em comum era contar para a posteridade que o triunfo prevalecia sobre a adversidade, sobre o infortúnio.

Paralelamente, ambos, Southey e Plutarco, descobriram “manchas” no caráter dos biografados. No caso de Nelson por sua conduta no Reino das Duas Sicílias em 1799, quando foi o responsável pela execução de jacobinos napolitanos que já tinham se rendido honrosamente. Southey nesse ponto é severo “um assunto deplorável: uma mácula na memória de Nelson e na honra da Inglaterra; desculpa-lo seria um esforço vão; justificá-lo

³¹ Ibidem, 180.

uma perversidade”.³² Pode notar-se a similaridade com a posição de Plutarco perante a crueldade de Alexandre após a morte de seu amigo Heféstion. Citou o autor de Queronéia que Alexandre “partiu como para uma caça ao homem, subjugou o povo dos cosseanos, fazendo-os passar todos a fio de espada, inclusive mulheres e crianças. Essa terrível carnificina foi chamada de o sacrifício fúnebre de Heféstion”.³³

A segunda biografia de Nelson que merece destaque foi escrita pelo professor de História do King’s College na Inglaterra em 1889, Sir John Knox Laughton, considerado por muitos historiadores navais como o fundador da História Naval contemporânea³⁴. Nela Laughton justificou a atitude extremada de Nelson em Nápoles com a afirmativa de que ele cumprira o seu dever com a Coroa, uma vez que estava investido com poderes especiais do Rei de Nápoles e agiu exatamente de acordo quando rebeldes se bateram em armas contra o Rei da Inglaterra. Para um ato extremo de rebeldia, um ato extremo de punição, a pena de morte. Laughton descobriu também que a mácula no nome de Nelson teve origem em jacobinos maliciosos e intrigas de inimigos na própria Inglaterra, intrigas percebidas por Southey e por ele exploradas. Curiosamente, Laughton reconheceu que Nelson era “escravo de uma bela e voluptosa mulher, Lady Hamilton e que nem por isso cessou de ser um grande comandante”.³⁵ Laughton acreditava realmente que Nelson era um grande herói naval, sendo um exemplo a ser seguido, um estudo de caso perfeito para o desenvolvimento profissional de qualquer marinheiro inglês e um líder inato que defendeu sempre os interesses do Império Britânico. Laughton veio então como um contraponto ao que Southey mencionou, justificando os procedimentos de seu herói. A questão moral continuava na ordem do dia.

Uma outra biografia peculiar de Lord Nelson foi escrita oito anos depois da de Laughton, em 1897, em dois volumes, pelo, já naquela ocasião, renomado historiador norte-americano Alfred Thayer Mahan. Esse autor ficou mundialmente conhecido por ter escrito em 1890 o clássico livro *“The Influence of Sea Power upon History”*, no qual defendeu a centralidade do mar nos principais conflitos nos Períodos Moderno e

³² Ibidem, 184.

³³ PLUTARCO, Alexandre e Cesar. 146.

³⁴ LAMBERT, Andrew. **The foundations of Naval History**. London: Chatham Publishing, 1998, p.219.

³⁵ Idem, p.174.

Contemporâneo. Por essa obra Mahan passou a ser considerado um dos fundadores da Estratégia Naval moderna³⁶.

Mahan estava convencido de que uma verificação mais detalhada no romance de Nelson com Emma, casada com outro homem, forneceria pistas para se compreender o verdadeiro caráter do biografado. Ele procurou, assim um caminho pouco usual para os biógrafos no período vitoriano, ao inquirir os encantos sexuais de Emma e sua influência sobre Nelson e sobre suas ações. Interessante mencionar que Mahan procurou não mencionar situações lascivas em que Emma e Nelson poderiam estar envolvidos, protegendo dessa forma o seu biografado. O almirante britânico foi um amante devotado, um crédulo que necessitava de adulação, concluiu Mahan. O encantamento e charme de Lady Hamilton, aliados a sua capacidade de manipular tanto seu marido apaixonado, como seu amante Nelson era notável. Quanto ao caráter heróico de Horatio, Mahan era explícito ao afirmar que ele possuía uma combinação de qualidades políticas, administrativas e militares, raras em qualquer homem, e que em um grande líder como ele Nelson eram desenvolvidas em amplo grau.³⁷ Para Mahan Nelson representava a incorporação do Poder Naval da Grã-Bretanha.³⁸

As biografias heróicas e moralizadoras entraram em conflito com ideologias anti-heróicas, como seria natural em qualquer período histórico, principalmente naquela final do século XIX. Nietzsche, por exemplo, também um produto desse século, não chegou a confessar que derrubar ídolos, já fazia parte de seu ofício ?³⁹ Um período que ansiava por heróis procurava também por críticos.

Plutarco, ao escrever as *Vidas Comparadas* queria transmitir a seus leitores as qualidades de seus heróis selecionados. Seu propósito era enaltecer as virtudes e em alguns casos apontar as falhas humanas para que esses atos, fossem eles de qualquer natureza, se transformassem em exemplos a serem seguidos ou pelo menos evitados. Os biógrafos do período vitoriano queriam os mesmos propósitos, no entanto, eles se dirigiam a um público

³⁶ SUMIDA, Jon. **Inventing Grand Strategy and teaching command**. Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press, 1997, p.xi.

³⁷ Ibidem, p.37.

³⁸ Ibidem, p.39.

³⁹ Nietzsche. **Vida e Pensamentos**. São Paulo: Martin Claret, 1997, p.119.

leitor que tinha interesse não só em conhecer a vida interior de seus heróis, mas também especular sobre ela. Os pontos de contato entre as duas concepções parecem mais que evidentes.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por mais que o historiador se esforce por se afastar de seu biografado, o próprio contato diuturno entre os dois provoca um relacionamento de intimidade e pessoalidade, que se transmite para a seleção, narrativa e síntese do personagem descrito. O afastamento do biógrafo, embora requerido, se torna quase impossível. A neutralidade tantas vezes mencionada por Ranke torna-se quase uma utopia.

Plutarco enalteceu os seus heróis. Ele queria deixar para as gerações seguintes exemplos de virtude e realizações. Os biógrafos do século XIX, por viverem em um século apegado à moral e aos bons costumes, queriam destacar os seus heróis, forjando nos leitores exemplos a serem seguidos por todos. Embora sob a vigência de regimes de historicidade diferentes, existiam muitos pontos de coincidência entre as duas narrativas.

História “mestra da vida” em Plutarco? Certamente. Biografias moralizantes em Plutarco? Certamente. História “mestra da vida” nas biografias do período vitoriano? Possivelmente. Biografias moralizantes no período vitoriano? Certamente. Afinal, como diria Marc Bloch, “não seria o objeto da História, por sua própria natureza, o homem ou melhor, os homens no tempo ?”⁴⁰

⁴⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar. 1997, p.24.

BIBLIOGRAFIA

- 1- BASSELMAR, José van. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Herder, 1968.
- 2- BAUER, Wilhelm. **Introducción al estudio de la Historia**. Barcelona: Bosch, 1957.
- 3- BLOCH, Marc. **A apologia da História**. Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- 4- GAY, Peter. **O coração desvelado. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Trad: Sergio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 5- HERODOTO. **História**. Trad: Mario da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1985.
- 6- HOOK, Sidney. **O herói na História**. Trad: Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- 7- LAMBERT, Andrew. **The foundations of Naval History**. London: The Chatham Publishing, 1998.
- 8- LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a História. Conversações com Marc Heurgon**. Trad: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- 9- LORENZ, Chris. **Comparative historiography: problems and perspectives**. Amsterdam: European Social Sciences History Conference, 1998.
- 10- NIETZSCHE, Friedrich. **Vidas e Pensamentos**. São Paulo: Martin Claret, 1997.
- 11- ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. 1999. Trad: Carlos da Veiga Ferreira. In: ARIES, P; DUBY, G; LE GOFF, J. **História e Nova História**. 3a ed. Portugal: Teorema, p 39-47 .
- 12- PLUTARCO. **Alexandre e César**. Trad: Hélio Vega. São Paulo: Ediouro, 2001.
- 13- SCHIMDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o retorno do gênero e a noção de contexto. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et all. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed UFRS, 2000, p 121-129.
- 14- SHOTWELL, James. **Historia de la Historia en el mundo antiguo**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1940.
- 15- SUMIDA, Jon. **Inventing Grand Strategy and teaching command**. Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press, 1997.
- 16- TORRES, João Camilo de Oliveira. **Teoria Geral da História**. Petrópolis: Vozes, 1963.
- 17- ZACARIAS, Gabriel Ferreira. *Orgulho e desigualdade*. In: **História Viva, Grandes 16 Temas**. São Paulo: Duetto, 2006.

Endereço para correspondência:

mh.almeida@uol.com.br

alves.de.almeida@egn.mar.mil.br

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.